



A ILHA PERDIDA



Sérgio era um rapaz de vinte anos que acabava de cursar os estudos médicos, tal como dissera que faria. Não era muito bom estudante, mas, no final, logrou acabar. Para festejar a culminação dos estudos, ele e outros amigos planificaram uma viagem a Camcum; em total iriam ele e três amigos, Guti, Dani e Roberto.

Foram comprar os bilhetes e depois de uma semana partiram para Cancun, mas, quando estavam em pleno voo, a asa esquerda do avião começou a arder por razões desconhecidas. De seguida o capitão falou pelo altofalante e deu a entender qual era a situação; o assunto ficava complicado. Estavam no meio do Atlântico e o avião começaria em breve a perder altitude; a única solução era enviar uma advertência por rádio e realizar uma aterragem de emergência no mar, algo muito arriscado, pois o avião podia ficar desintegrado por completo, mas era a única solução que havia. Com este panorama, Sérgio e os seus amigos permaneciam aterrados

O avião começou a se mexer de um lado para outro e as máscaras de oxigénio saltaram dos seus cubículos. O avião começou a descer bruscamente e os gritos eram ensurdecedores; umas raparigas do assento de diante de Sérgio começaram a chorar e a rezar, uns velhos da outra fila estavam a dar-se beijos nos beijos, a gente preparava-se para uma morte quase segura. Em cada ocasião o barulho era maior, a agitação de mais intensidade e o lume quase consumira a asa esquerda. O avião ia em caída livre e de súbito impactou de modo feroz com o mar, lançando uma montoeira de água ao redor. Já não havia alvoroço, a calma inundou o avião que com vagar se ia submergindo nas profundidades do oceano Atlântico.

Sérgio e Guti estavam ilesos e auxiliaram os seus companheiros. Os quatro pareciam estar bem e descobrir uma saída do avião era fundamental para sair ao exterior. Passado um momento, Dani descobriu uma janela pela que lograram sair. Um a um foram abandonando o avião e, quase asfixiados, finalmente chegaram ao exterior. Tiveram que nadar um bom bocado e ao ver uma peça de metal do avião amarraram-se a ela. Quando se sossegam e observam ao seu redor, comprovam aterrados as consequências do acidente; por todos os lados vêem pedaços do avião, e, o que é pior, cadáveres despedaçados, uma perna

solta, uma mão frotando, uma cabeça solta que lhe resultava familiar a Sérgio: era a do velho que beijava a velha nos beijos. Era uma paisagem aterradora.

Os quatro amigos abraçaram-se entre eles um bom bocado pensando na sorte que tiveram, quando, de forma quase imperceptível, soou um sinal de auxílio; parecia uma rapariga e Sérgio, nadando, achegou-se seguindo o som: Qual foi a surpresa ao ver as raparigas que se sentavam diante do seu assento, as que choravam e rezavam desconsoladas! Eram duas e pareciam estar feridas, pelo que decidiu levá-las com os seus amigos. Agora somente podiam aguardar por uma equipa de salvamento, pois a noite era preta, e eram seis jovens sem comida nem bebida rodeados de cadáveres e restos da fuselagem do avião.

Passou toda a noite e o dia deixou-se ver e a equipa de salvamento não aparecia. De pronto, a Sérgio, que mira para o horizonte, pareceu-lhe ver terra; avisa os amigos e todos o confirmam: era terra. Por maioria decidem ir nadando, pois muito longe não podia ficar; uma das raparigas que viajavam no assento de diante tinha uma perna ferida, mas suportou a dor até chegar a terra. Tardaram muito, umas três horas, mas, ao tocar a areia fina da praia, os seus corações bateram intensamente: Aquilo parecia uma ilha, pois desde longe viam-na bem; o raro era que, no meio do Atlântico, eles não tinham conhecimento de